

Este documento, que agora perfaz 487 anos, tem a particularidade de conservar, retendo no tempo, a presença de diversos artistas renascentistas que trabalharam em Coimbra. A certificar a sua presença, como testemunhas do contrato celebrado, ali estão as assinaturas do escultor João de Ruão, do pintor Cristóvão de Figueiredo, assim como a do próprio Filipe Hodart, com o qual o Mosteiro de Santa Cruz celebra contrato de obrigação e também o organista “Mestre João”. Não são comuns as escrituras desta natureza e a simultaneidade da presença deste conjunto de artistas é ainda mais enriquecedora, valorizando este documento, no contexto da produção artística em Coimbra. Atente-se que este documento foi já dado a conhecer, em 1913, por Prudêncio Quintino Garcia, e foi novamente publicado, em 1924, com correções de transcrição, por Vergílio Correia.¹

A rara assinatura do escultor francês, apresentado como “*Odarte françes ymaginario y estante nesta cidade de Coimbra*”, com o qual Frei Brás celebra contrato, para a feitura da obra do passo da ceia de Cristo (como é referido no sumário do documento, logo na primeira linha) é por si determinante, para a valorização deste documento, no qual se descreve a grandiosa obra, hoje incompleta.²

As treze imagens de terracota, com a representação de Cristo e dos doze apóstolos, seriam “*da gramdura e natural de homens*” e o artista faria também a mesa, “*com seu cordeyro e todas as cousas neçesarias há dita cea*”. Por toda esta obra e seu assentamento no refeitório, receberia o artista cem cruzados de ouro, pagando-se-lhe 1.200 réis, em cada mês que trabalhasse, sendo-lhe dado “*hum servidor*” para o servir nesta obra. De acordo com as cláusulas contratuais, ser-lhe-ia dado, também, “*todo ho barro, forno, lume para o cozimento e as figuras neçesárias ao fazimento da dita obra*”. Depois da obra acabada, Frei Brás de Braga daria ainda a Hodart “*huu vestido do pano que vestem os conegos, a saber, gibão, calças, pellote e capa e carapuça*”.

¹ Primeiramente, na *Revista Terra Portuguesa* (t. V, n.º 38, maio 1924) e depois em V. Correia, Vergílio – *Obras*, vol. 3 – *Estudos de História da Arte. Escultura e Pintura*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1953, p. 112.

² São conhecidas outras assinaturas de Hodart, que figuram em documentos inseridos no acervo documental do Mosteiro de Santa Cruz, nos designados *Livros de Notas*, concretamente nos vol. 6 e 7, como já foi dado a conhecer por Garcia, Prudêncio Quintino – *Documentos para as biografias dos artistas de Coimbra*. Coimbra, 1923. No índice desta ob. cit., p. 358, o artista figura com o nome de Udarte. A assinatura como Hodart Vyryo apenas figura no documento agora apresentado e num outro, datado de 3 de janeiro de 1533 (v. *Livro de Notas*, vol. 6, liv., 12, fl. 8v – (cota AUC – III-1.ºD-10-2-6).

Desta monumental e bela obra da escultura maneirista, apenas sobrevivem, hoje, fragmentos existentes no Museu Nacional Machado de Castro, que lhes dedica uma sala inteira do seu edifício.³

Refira-se, por último, que na margem lateral esquerda foi lançado, posteriormente, no dia 8 de janeiro de 1534, um registo de confirmação de que a obra estava terminada e também o escultor confirma que fora já pago por todo o seu trabalho.

Pormenor das assinaturas de Frei Brás de Braga, João de Ruão e Hodart Vyryo⁴



³ Registe-se que o MNMC recebeu em 2012 o Prémio de Melhor Intervenção em Conservação e Restauro por esta obra de Hodart. <http://museunacionaldemachadodecastro.blogspot.pt/2012/12/premios-apom-2012.html>

⁴ Pode ser uma aproximação aos apelidos franceses Voyot ou Viriot, de acordo com o que propôs Vergílio Correia, *ob. cit.*, p. 101.